



---

## INICIATIVAS DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA DA SOCIEDADE CIVIL EM AMÉRICA LATINA: os protestos no Chile de Piñera e na Bolívia de Morales <sup>1</sup>

## CIVIL SOCIETY POLITICAL COMMUNICATION INITIATIVES IN LATIN AMERICA: protests in Chile from Piñera and in Bolivia from Morales

Luiz Léo <sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é fazer uma análise comparada, por meio do Twitter, de dois protestos recentes na América Latina, com vista a avaliar iniciativas de comunicação política que procedem do “público” na região. Em termos específicos, procura responder às seguintes questões: de quem são as vozes do público nos episódios? O que expressam suas mensagens? E através de que meios materializam suas demandas? De forma ampla propõe, ainda: contribuir com o aprofundamento do debate epistemológico do campo; dar maior ênfase metodológica à percepção do “público” nos processos de comunicação política; e ampliar o leque dos estudos de comunicação política regionais, através da abordagem comparada, de iniciativas de comunicação política gestadas pela sociedade civil latino-americana.

**Palavras-Chave:** comunicação política comparada; protestos; América Latina.

**Abstract** The propose of this work is to offer a comparative analysis, through Twitter, of two recent protests in Latin America, with a view to evaluating political communication initiatives that come from the “public” in the region. In specific terms, it seeks to answer the following questions: whose voices are the audience in the episodes? What do your messages express? And by what means do your demands materialize? Broadly, it also proposes: to contribute to the deepening of the field's epistemological debate; give greater methodological emphasis to the perception of the “public” in the processes of political communication; and to expand the range of regional political communication studies, through the comparative approach, of political communication initiatives managed by Latin American civil society.

**Keywords:** comparative political communication; protests; Latin America.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho GT3 - Comunicação e Sociedade Civil da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

<sup>2</sup> PUC-Rio, Doutor, lleo@puc-rio.br.

## 1. Introdução

O engajamento do público nas discussões sobre política constitui tema quase sempre controverso. O célebre debate entre Walter Lippmann ([1922]/1961) e John Dewey ([1927]/2012) ilustra alguns dos problemas inerentes à complexa relação entre sociedade, política e meios de comunicação – e evidencia as dificuldades de consenso em torno dos potenciais e ameaças de tal conjugação de fatores.

Em termos amplos, as análises sobre o tema costumam variar em um espectro que vai dos mais entusiastas aos mais céticos quanto às possibilidades dos recursos comunicativos no contexto da política (BOHMAN 2004; CHADWIK, 2009) e, mais especificamente, quanto ao que podem representar em termos de impacto quanto à (possibilidade de) participação (do público) nas sociedades democráticas.

No âmbito teórico, como premissa a tais discussões, o debate travado no espaço público é percebido como algo essencial para a democracia (GUTMANN; THOMPSON, 2009). Entretanto, na prática, o interesse dos cidadãos “comuns” pelos assuntos da política também pode se traduzir – ao menos no que diz respeito às dinâmicas de comunicação orientadas à política – em terreno fecundo para conflitos, desentendimentos e, no extremo, riscos à própria democracia.

No campo de estudos da comunicação política, as leituras do quadro são igualmente dissonantes. Em uma das direções, há quem perceba uma crise da comunicação pública, cujas raízes remontam às inter-relações entre os agentes do sistema da comunicação política – resultando em efeitos que seriam danosos para a cidadania (BLUMLER; GUREVITCH, 1995). Em sentido contrário ao do “mal-estar cívico”, como algo potencializado pelas mídias e pelas estratégias de marketing eleitoral – que ganharam relevo nas sociedades pós-industriais –, há a tese do “círculo virtuoso” (NORRIS, 2000), segundo a qual, cidadãos mais bem informados poderiam inclusive estar mais propensos a um maior envolvimento com as questões da política.

Desde uma perspectiva sistêmica, a tradição de estudos da área, por sua vez, tem oferecido explicações de ordem mais normativa e funcional para o fenômeno da comunicação política, na sua vertente comparada (SIEBERT; PETERSON; SCHRAMM, 1956; HALLIN; MANCINI, 2004; 2011; ESSER; PFETSCH, 2004;

CANEL; VOLTMER, 2014). Nela, predominam análises deterministas acerca das ações dos “políticos” e das “mídias” sobre o “público”, na busca por uma compreensão mais ampla dos cenários. O resultado destes esforços é que os modelos analíticos resultantes contrastam com o forte protagonismo que vem sendo desempenhado pelos indivíduos, em meio as transformações tecnológicas das últimas décadas.

Potencializada pelas ferramentas digitais, a participação cidadã nos espaços de discussão pública tem se acentuado mundo afora (MOSSBERGER; TOLBERT; MCNEAL, 2007). Mas, não é só no âmbito da “cidadania digital” que os movimentos cívicos têm destaque. Na América Latina, em particular, depois de uma década de efervescência social que levou à substantivas reformas políticas e econômicas nos anos 2010, a “voz dos cidadãos” continua ecoando com entusiasmo, das telas dos dispositivos para as ruas, sacudindo algumas “praças públicas” locais.

O ativismo na região vem sendo combinado à múltiplas formas de mobilizações sociais que, por vezes, transcendem as formas mais tradicionais de organização da sociedade civil no continente. Reflexo daquilo que Christof Mauersberger (2016) define como a “luta das coalizões da sociedade civil na América Latina” (MAUERSBERGER, 2016: 4), ganha relevo um rico mosaico de experiências políticas, com “origem popular”, que oferece novos ângulos de abordagem ao campo de estudos da comunicação política, para além de seus termos mais clássicos.

Seguindo esta lógica, o objetivo deste trabalho é analisar comparativamente, por meio de postagens extraídas do *Twitter*, duas experiências recentes envolvendo a sociedade civil latino-americana, com vistas a avaliar iniciativas de comunicação política que procedem do “público”, na região. O primeiro caso refere-se a onda de protestos no Chile, entre 2019-2020, que levou à substantivas reformas do governo Sebastián Piñera – incluindo a Constituição do país. O outro caso abrange as manifestações populares que cercaram a renúncia de Evo Morales em 2019 – e que foi seguida pelo retorno do MAS ao poder, com a eleição de Luis Arce, em 2020.

Os dois episódios se desenvolvem em contextos distintos de turbulência política, mas decorrentes de um mesmo quadro de crise democrática da região (LATINOBARÓMETRO, 2018). Em uma das direções, um país de orientação liberal, conduzido por um empresário de centro direita, encurralado por críticas às suas políticas de austeridade econômica. Na outra ponta do espectro do continente, uma

nação de esmagadora maioria indígena, liderada por um ex-agricultor de esquerda, que caiu em desgraça por contrariar um referendo popular, que vedava a sua concorrência a um quarto mandato presidencial. Entre ambos, uma imensa multidão de vozes clamando por mudanças – e mais justiça social.

Em termos mais específicos, esta pesquisa procura responder às seguintes questões: de quem são as vozes do público nos casos em tela? O que expressam suas mensagens? E através de que meios materializam suas demandas? De forma um pouco mais ampla propõe, ainda: 1) contribuir com o aprofundamento do debate epistemológico do campo; 2) dar maior ênfase metodológica à percepção do “público” nos processos de comunicação política; e, finalmente, a partir dos esforços precedentes, 3) ampliar o leque dos estudos de comunicação política regionais, através da identificação e de uma sistematização, de caráter comparado, de iniciativas de comunicação política gestadas pela sociedade civil latino-americana.

## **2. A comunicação política sob (necessidade de) reconstrução**

As discussões em torno de uma revisão crítica às premissas (epistêmicas) do campo da comunicação política – e, de certa forma, reificadas pela literatura da área – não é nova. Neste sentido, as ideias aqui apresentadas se alinham, em alguma medida, aos esforços que vem sendo feitos (BRANTS; VOLTMER, 2011; BARNHURST, 2011; HENN; JANDURA; VOWE, 2015; BLUMLER; COLEMAN, 2017), na direção de uma reavaliação e atualização de alguns pressupostos básicos do campo. Como parte destas contribuições e apontamentos, destaca-se, nos autores em referência, a “necessidade de um repensar a comunicação política” (BRANTS; VOLTMER, 2011), dado o “embaçamento conceitual” (HENN; JANDURA; VOWE, 2015) da área e “desuso” (BLUMLER; COLEMAN, 2017) do seu objeto de atenção analítica – o que, como sugerem tais leituras, parece sinalizar a urgência de uma mudança “em direção a outro paradigma” (BARNHURST, 2011).

De certa forma, também esta é a orientação que vem sendo perseguida, em outros trabalhos, por este autor (LEO, 2019; 2020). Neles, desenvolve-se uma reflexão menos condicionada por uma racionalidade positivista (baseada em relações de causalidade) e que procura *ultrapassar* a lógica dos *efeitos* da comunicação e da

política na vida em sociedade, para privilegiar a compreensão de como tais fenômenos *afetam* e *são afetados* pelas dinâmicas sociais. Em reforço a este propósito, adota-se uma abordagem metodológica de cunho mais qualitativo e interpretativo (DENZIN; LINCOLN, 2018), que não se restringe à dimensão das estruturas e dos processos, mas, sobretudo, procura dar ênfase às práticas (isto é, a comunicação política *per se*) – de forma que o público *também* possa ser percebido como agente efetivo e importante nas iniciativas de comunicação política.

Portanto, não se avança, aqui, em uma crítica à epistemologia dominante da área, mas sim em possibilidades de análise que ampliem a diversidade teórica, conceitual e metodológica do campo. Como parte deste empreendimento, a opção por uma abordagem de ordem mais pragmática, que aprofunde aspectos tangíveis das complexas interações entre os atores da comunicação política (BENNETT; PFETSCH, 2018) – em uma atualidade marcada pela co-ocorrência de significativas mudanças de longo alcance: da cultura política à infraestrutura das comunicações.

Logo, a contribuição aqui proposta parte do entendimento de que está em curso a afirmação de um ambiente midiático mais híbrido (CHADWICK, 2013) – e potencialmente mais disruptivo (BENNETT; PFETSCH, 2018). Um contexto que favorece transformações nas esferas públicas, em direção a mais dissonância, desconexão e ruído (PFETSCH, 2020). Mudanças estas em meio a um estágio da democracia pós-moderna em que a política vem sendo testada de todas as formas, gerando incertezas e conferindo ao campo da comunicação política ares de uma “Babel contemporânea” (BRANTS; VOLTMER, 2011: 1). Decorre daí a urgência por um “empirismo holístico” (BLUMLER, 2011: ix), calcado em perspectivas de análise mais “interdependentes”, que possibilitem diferentes compreensões para as práticas de comunicação política, em um contexto de maior mediação e descentralização.

Daniel Hallin (2020) e Paolo Mancini (2020) cotizam-se com estas preocupações de ampliação de horizontes teóricos, através de releituras do conceito de sistema, tão essencial ao entendimento dos níveis “*macro-analítico*” (que diz respeito à cultura) e “*meso-analítico*” (que diz respeito às formas de organização e institucionalização), consoante à proposição de Jay Blumler e Michael Gurevitch (1995), em seu clássico *framework* para análise comparada dos “sistemas de comunicação política”.

Daniel Hallin (2020), por exemplo, reconhece que os estudos existentes sobre mídia estão sendo confrontados pelo ritmo acelerado de mudança nos sistemas de mídia, em seu crescente nível de complexidade e fluidez. Sublinha, no entanto, que o conceito de sistemas (“um conjunto de elementos inter-relacionados”) permanece sendo relevante para a pesquisa comparada, em grande parte por possibilitar o entendimento de um contínuo de mudanças e desenvolvimentos que alcançam os sistemas de mídia, desde suas origens. Necessário, para tanto, é aprofundar os esforços de conceituação e de novas metodologias de investigação sobre os fenômenos em curso, no que tange às suas aceleradas transformações.

Alinhado à tais preocupações, Paolo Mancini (2020) direciona sua reflexão para os sistemas de mídia na era digital, procurando conciliar as prerrogativas de análise de *Comparing media systems* (2004) a um novo contexto de digitalização e desinstitucionalização, que conferem ao ambiente político e midiático uma maior volatilidade e heterogeneidade, tanto em termos da representatividade, quanto das ações dos agentes que os constituem. Em particular, o autor assinala a importância das pesquisas se deslocarem das instituições – Estados e organizações políticas e midiáticas – para um campo de investigação mais amplo e disperso, em que figuram cidadãos desempenhando papéis mais ativos – seja como produtores de informação, seja como agentes políticos, através de suas iniciativas multifacetadas.

Estes apontamentos são indicativos de que há um movimento em curso, também na literatura da área, por novos ângulos de leitura para a presente conjuntura da comunicação política, como campo de conhecimento. O que parecem reforçar é a importância de um deslocamento das atenções para o nível “micro-analítico” (isto é, da relação entre os atores), como forma mais acurada à investigação das práticas comunicativas de natureza política – sem deixar de reconhecer, naturalmente, a pertinência das contribuições advindas das vertentes mais consolidadas do campo.

Noutros termos, mas sempre em linha com as referências supracitadas, é a intenção deste artigo examinar “os papéis mais ativos” que os cidadãos podem estar desempenhando na vida política, “através dos diferentes instrumentos oferecidos pela comunicação digital” (MANCINI, 2020: 5768). Tendo em vista a emergência de esferas públicas “mais plurais” é preciso considerar que os fluxos de comunicação política não estão mais “sob o controle de jornalistas profissionais e da mídia tradicional por meio

de suas interações com as elites políticas” (PFETSCH, 2020: 103). Ao contrário disso: há uma multiplicidade de “novos atores” participando do debate público, o que dá forma a uma “ecologia” de personagens e formas de representação exponencial.

Em certa medida é possível ir além da constatação de que “o público se tornou mais fragmentado” (HALLIN, 2020: 5781) – isto é, enquanto audiência – o que levaria a produção de notícias e de mensagens políticas a ser orientada para segmentos cada vez mais específicos. A transformação é bem mais acentuada: o público passou a protagonizar determinadas dinâmicas práticas da comunicação política. Não se trata apenas de “ter voz”, mas das iniciativas reais desencadeadas pela potência (de agir).

Neste contexto, a força da diversidade dá uma nova coloração às “tipologias” tradicionais da área. Coexistem em meio às “*legacy media*”, “*news media*”, jornalistas de ofício, partidos e políticos convencionais, toda uma sorte de nomenclaturas que procuram abarcar a pluralidade de “novos atores” (isto é, mais periféricos àqueles, por convenção, reconhecidos como principais) oriundos do público: dos indivíduos da sociedade civil que são agentes de suas próprias causas (como jornalistas cidadãos, ativistas de redes, *influencers*, blogueiros, leigos que se manifestam publicamente sobre qualquer assunto, dentre uma lista interminável de possibilidades) às formações coletivas com identidade pública (os mini públicos, os contra públicos, os movimentos sociais, as comunidades cívicas, dentre um sem número de variações existentes).

Sob tal recorte teórico e conceitual, avançamos, na sequência à proposição da abordagem metodológica que irá determinar o tratamento analítico do objeto mais concreto desta investigação: as iniciativas de comunicação política derivadas da sociedade civil na América Latina, por meio de uma análise comparada (através do *Twitter*) de dois casos específicos: 1) a onda de protestos no Chile, entre 2019-2020, que levou às reformas do governo Sebastián Piñera; 2) as manifestações populares de 2019, que cercaram a renúncia de Evo Morales neste mesmo ano e, de certa forma, contribuíram para o retorno do MAS ao poder, com a eleição de Luis Arce, em 2020.

### **3. Por uma análise qualitativa e interpretativa de estudos comparados**

Os estudos comparados remontam a uma longa tradição. Atravessam disciplinas e campos de conhecimentos os mais variados. Na comunicação política conformam

uma vertente de pesquisas bem consolidada (BLUMLER; GUREVITCH, 1975; 1995; 2004; HALLIN; MANCINI, 2004; 2011; ESSER; PFETSCH, 2004; 2016; NORRIS, 2009; CANEL; VOLTMER, 2014; ZIELONKA, 2015). Como sustentam alguns destes autores, a comparação tem como intuito alinhar um conjunto amplo de fatores que permitam uma melhor compreensão das circunstâncias que caracterizam as sociedades. No entanto, não se trata de uma linha de abordagem simples.

No âmbito da comunicação política, necessitam lidar com uma natureza cada vez mais complexa das democracias contemporâneas, em suas relações com a mídia – o que significa, por extensão, o envolvimento de agentes do mundo político, com agentes do universo midiático, bem como – e não menos importante – a próprias transformações tecnológicas e da cidadania, conforme já destacado.

Em sua contribuição para a discussão, Jay Blumler e Michael Gurevitch (1995), defendem a adoção da perspectiva de investigação comparada, apontando algumas vantagens para o campo de estudos da comunicação política: (1) a capacidade integrar múltiplas evidências de pesquisa em uma perspectiva analítica mais ampla; (2) a possibilidade de prevenir contra as tendências de subjugar ou enfatizar demasiadamente um elemento específico de uma dada realidade; e, (3) facilitar as abordagens transnacionais, na medida em que fatores de nível *macro* e *meso* (estruturas e processos) poderiam ser comparados de forma mais efetiva.

Não obstante os inegáveis avanços experimentados pelos estudos comparados, alguns “limites” podem (e precisam) ser enfrentados, no que tange a relação entre comunicação e política, conforme vem sendo discutido por determinadas leituras revisionistas já assinaladas neste trabalho. Dentre eles, o conjunto de ferramentas e procedimentos metodológicos empregues na investigação das iniciativas de comunicação política oriundas do público, objeto de interesse mais específico aqui.

De forma geral, como pondera Pippa Norris (2009), a despeito da importância das variáveis de análise empregues, o que prevalece no campo das pesquisas comparadas de comunicação política é uma razão funcionalista, orientando a reflexão dos autores. O foco nas relações causais (e a busca por explicações objetivas para os fenômenos examinados) leva a estratégias de análise mais voltadas à dedução dos potenciais efeitos das interações entre mídia e política (em seu sentido horizontal), do que destas últimas com o público (em seu sentido vertical).

Resultam disso, métodos de investigação centrados na comparação de fatores de nível macro e *meso* (estruturas e processos), a partir de variáveis e indicadores de análise associados às iniciativas de instituições políticas e midiáticas – em seus esforços de divulgação e processamento de informações e ideias de e para os cidadãos (BLUMLER; GUREVITCH, 1995: 12-13). Caracterizam ainda estes esforços metodológicos, a prevalência de um conjunto de critérios normativos mais alinhados à realidade do hemisfério Norte (Ocidental) e a ênfase na objetividade, o que resulta em pesquisas mais calcadas nos aspectos quantitativos dos fenômenos investigados.

Naturalmente, as ponderações aos padrões metodológicos aqui assinalados não diminuem a importância dos resultados alcançados pelas pesquisas comparadas no campo da comunicação política. O que se persegue aqui, entretanto, é um tipo de abordagem diferente. Em primeiro lugar, o foco da investigação está no “público”, como agente de iniciativas de comunicação política. A partir dele, o interesse se volta para os aspectos subjetivos contidos nas manifestações comunicativas originárias dos cidadãos, segundo as circunstâncias conjunturais em que se dão tais práticas.

Neste sentido, a análise persegue um propósito interpretativo, tendo por base o apontamento prévio de aspectos contextuais que contribuem para a ocorrência das mensagens geradas no contexto dos casos já assinalados: 1) a onda de protestos no Chile, entre 2019-2020, que levou às reformas do governo Sebastián Piñera; 2) as manifestações populares de 2019, que cercaram a renúncia de Evo Morales e, de certa forma, o retorno do MAS ao poder, com a eleição de Luis Arce, em 2020.

Além de interpretativa, a abordagem também privilegia a dimensão qualitativa dos dados em exame, de forma que a “voz dos sujeitos”, através das mensagens selecionadas, possa ser percebida de acordo como “se expressam em suas próprias palavras” (SALGADO; STANYER, 2019: 17). Seguindo esta orientação, a análise é desenvolvida segundo a incidência de indivíduos e temas com maior destaque.

As mensagens foram extraídas do *Twitter*, uma plataforma tecnológica que permite alcançar, com relativa praticidade, um conjunto de iniciativas comunicativas de “indivíduos comuns”, no contexto de situações concretas da realidade <sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Para obter as postagens do *Twitter* foi utilizada uma ferramenta específica de busca e armazenamento, desenvolvida pelo e-POCS, Laboratório de Opinião Pública, Comunicação Política e Mídias Digitais, da PUC-Rio. O eTC (<https://etc.biobd.inf.puc-rio.br/>) é uma aplicação que coleta os dados da URL de resultados da busca avançada do *Twitter* e os apresenta em planilhas (.cvi)

Em operação desde 2006, o *Twitter* oferece aos usuários um espaço de até 140 caracteres para publicar mensagens curtas, os *tweets*, que podem ser lidos, comentados e retransmitidos (*retweets*) por outros usuários. Os conteúdos podem incluir, ainda, imagens ou links para outros tipos de recursos informativos. As mensagens publicadas são públicas, na medida em que a ferramenta mantém sua base de dados “aberta” e, dentre algumas funcionalidades, destacam-se os *Trending Topics* (TT's), que constituem informações mais repercutidas pelos usuários, por meio das *hashtags* (#) geradas no entorno dos assuntos mais discutidos do momento.

Para os propósitos desta investigação foram identificados dois momentos mais intensos (de repercussão social) envolvendo os dois casos examinados. A semana de 20 a 26 de outubro de 2019, no caso chileno; e a semana de 10 a 16 de novembro, no caso boliviano. De acordo com o levantamento histórico (de 2014 a 2021) realizado por meio da ferramenta *Trendsmap* (<https://www.trendsmap.com/>) é nestes intervalos de tempo que os assuntos e/ou *hashtags* (genéricas) #chile e #bolivia, respectivamente, alcançam a sua máxima repercussão mundial, por meio do *Twitter*.

Uma vez tendo estes recortes temporais definidos, o próximo passo foi identificar as *hashtags* específicas que alcançaram maior repercussão pública, nos contextos dos acontecimentos de então, o que foi feito por meio da ferramenta *Get Day Trends* (<https://getdaytrends.com/>)<sup>4</sup>. Para o caso chileno, algumas das variações que ocorreram no período (de 20 a 26 de outubro de 2019) foram: #ChileDesperto, #PiñeraRenuncia, #LaMarchaMasGrandeDeChile, #EstoNoHaTerminado e #EstoPasaEnChile, sendo esta última a que alcançou a maior quantidade de publicações, em 22 de outubro, com mais de 620 mil incidências. Para o caso boliviano, destacaram-se (de 10 a 16 de outubro de 2019): #EvoElMundoEstaContigo, #EvoNoEstasSolo, #RespaldoTotalAEvo, #BoliviaNoHayGolpe e #EvoEsElPresidente, sendo esta última a que alcançou a maior quantidade de publicações, em 14 de novembro, com mais de 250 mil incidências.

<sup>4</sup> Para efeito deste levantamento foram analisados somente os horários de 00:00 às 05 horas e de 20:00 às 23:00, de cada dia dos períodos (semanas) examinados e consideradas apenas as *hashtags* que alcançaram pelo menos 100 mil incidências, com base nos registros apontados pelo sistema de buscas da (<https://getdaytrends.com/>), com alcance global (“wordwide”). A ferramenta indica as *hashtags* e/ou termos com maior incidência por hora.

Dados os limites impostos por um artigo e, mais ainda, por não se tratar de uma pesquisa que tenha como propósito um inventário abrangente, detalhado e exaustivo do conjunto de mensagens que atravessaram os ambientes regionais aqui em tela, a análise se concentrou nas duas *hashtags* mais repercutidas (e acima destacadas, nos respectivos períodos históricos em que se deram os acontecimentos examinados).

Os dados obtidos são apresentados, à luz de um contexto mais amplo de referências e aspectos que constituem as realidades nacionais em questão e que, de alguma maneira, contribuíram para o desenvolvimento dos protestos. Portanto, de forma pragmática, entende-se e observa-se, aqui, a conjuntura como algo propenso a *afetar* (na medida em que informa) os cidadãos usuários do *Twitter* no desempenho de suas iniciativas, em termos de comunicação política, nos episódios em discussão.

Neste sentido, procurou se identificar, num caso e no outro: 1) de quem são as vozes do público nas iniciativas de comunicação política examinadas; 2) o que expressam as suas mensagens (em termos mais amplos e não sistemáticos); e, 3) sempre que possível, através de que meios materializam as duas demandas.

#### **4. Conexão Andina: as vozes da Cordilheira**

A América Andina consiste em uma porção territorial da América do Sul com mais de 5 milhões de quilômetros quadrados, que se estende do norte ao sul do continente, por sua costa ocidental, através de uma linha de cadeias montanhosas com aproximadamente 8 mil quilômetros de comprimento – da Venezuela à Patagônia. Abriga uma população na ordem de 200 milhões de pessoas e corta os territórios de Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela – além de fazer divisa com a Argentina, na sua parte meridional. Deve sua denominação à Cordilheira dos Andes, uma formação geológica com cerca de 85 milhões de anos e que, em extensão, é a maior cadeia de montanhas do mundo, alcançando, em seus trechos mais largos 160 km (do extremo leste ao oeste) e uma altitude média de 4 mil metros, tendo como ponto culminante o monte Aconcágua, com quase 7 mil metros.

Na região central dos Andes, a formação possui um alargamento natural que dá lugar a um planalto elevado conhecido como Altiplano, partilhado por Peru, Bolívia e Chile. Desta zona de confluência geográfica, determinada pela natureza, emergem

---

duas realidades nacionais marcadas por mais diferenças do que semelhanças, que servem como contexto mais amplo, para os propósitos desta investigação.

#### **4.1. O despertar chileno**

O Chile caracteriza-se como uma sociedade relativamente distinta, inclusive para os padrões latino americanos. Com população próxima aos 20 milhões de habitantes, possui infraestrutura e situação econômica considerados altos para os padrões da região. Por decorrência deste quadro, goza de alguns bons índices, como é o caso do nível de desenvolvimento humano, de qualidade de vida, além de baixa taxa de pobreza, quando comparados aos países vizinhos (CEPAL, 2021).

A república foi proclamada em 1818 e manteve-se relativamente estável até meados do século XX, período em que esteve sob o controle das elites econômicas locais, com a realização de eleições regulares e à formação de governos constituídos predominantemente por representantes das oligarquias conservadoras. Por volta dos anos 1960, a hegemonia conservadora passou a ser desafiada pela emergência de forças políticas progressistas, desencadeando as condições que levaram a um golpe de Estado, comandado por uma junta militar encabeçada por Augusto Pinochet. O regime autoritário foi instalado em 1973 e durou 17 anos (DRAKE, 2021).

O processo de redemocratização teve início nos anos 1990 e nos 20 anos seguintes, o *Concertación* (Coalizão de Partidos pela Democracia) conseguiu eleger sucessivos presidentes de centro-esquerda para governar o país. Em 2010, os chilenos escolheram Sebastián Piñera, um empresário das comunicações, como primeiro líder de direita pós-ditadura – derrotando o ex-presidente Eduardo Frei Ruiz-Tagle. Cumpriu um primeiro mandato de quatro anos (2010-2014) sucedendo Michele Bachelet – que retornou à presidência para um novo quadriênio (2014-2018). Iniciou um segundo mandato em 2018, com vitória no segundo turno das eleições de 2017.

Em outubro de 2019, uma série de protestos civis ganhou as ruas de várias cidades chilenas. Tendo como ponto de irradiação a capital Santiago, a iniciativa ganhou corpo a partir de uma campanha coordenada por estudantes secundaristas, que se recusaram a pagar pelo metrô da cidade, diante dos aumentos de preços. O

---

que começou como uma manifestação localizada, logo se espalhou, levando a confrontos abertos com os carabineiros, a polícia nacional do país.

No auge da crise, em 18 de outubro daquele ano, grupos organizados de manifestantes se rebelaram por toda a capital chilena, tomando diversos pontos de acesso à rede de metrô, danificando equipamentos e impedindo-a de funcionar. Por força dos episódios, o presidente do Chile, Sebastián Piñera, decretou estado de emergência e enviou o Exército chileno aos locais de protesto para fazer cumprir a ordem e reprimir a destruição de bens públicos. Em paralelo, invocou a Lei de Segurança Nacional ("*Ley de Seguridad del Estado*") contra os detidos.

Ao final do dia 19, as províncias de Santiago e Chacabuco e os municípios de Puente Alto e San Bernardo, foram submetidas a um toque de recolher – algo que não se via no Chile desde 1987, então sob o regime ditatorial de Pinochet. Com o passar dos dias, os distúrbios acentuaram-se por diversas outras regiões, fazendo com que o estado de emergência fosse estendido a praticamente todo o país.

Apesar da violência das forças militares, que resultou em dezenas de mortos e feridos, o ânimo dos manifestantes não arrefeceu nos meses seguintes, levando à mais destruição, seguidas paralizações e, por fim, a grandes perdas para a economia do país. Pressionado, Sebastián Piñera anunciou uma série de medidas, em resposta às manifestações, dando forma a uma "Nova Agenda Social", com propostas voltadas a reformas na economia, na saúde, na segurança e, finalmente, na convocação de um Plebiscito Nacional para reforma da Constituição – que foi aprovado em 25 de outubro de 2020, por quase 80% da população.

A magnitude do acontecimento converteu-se em um dos maiores episódios de "agitação civil" da América Latina, desde o final dos anos 80 – por ocasião das mobilizações pelo final das ditaduras militares, então vigentes, na região. Os protestos receberam diversas denominações ao longo do período: "Santiagoço", "Revolución de los 30 pesos", "Chile despertó", "Estallido social", "La primavera de Chile", dentre outras. E teve, como uma de suas principais características, a ausência de lideranças mais específicas, além de uma adesão massiva da sociedade chilena – desde as classes sociais mais baixas até extratos da média-alta (LABARCA et al, 2021).

De acordo com César Jiménez-Yañez (2020), as circunstâncias que levaram à emergência da grave crise política e social, nos últimos meses de 2019 decorreram,

em grande parte, devido ao esgotamento de um modelo econômico que: se implantou na ditadura, se aceitou na transição e se validou na democracia. O “despertar do Chile” ou seu “estalido social” não foi desencadeado por um aumento de 30 pesos no preço das passagens de metrô da capital, mas sim por 30 anos de desgaste de um sistema, cujas pressões e exigências a população já não suportava mais.

Neste sentido, para além do caráter organizado das entidades coletivas nacionais (RAMÍREZ; BRAVO, 2014; SOTOMAYOR, 2019), dentro de um contexto eminente de movimentos sociais no continente (CARDOSO, 1987; GOHN, 2008; GIMENEZ, 2015), a explosão da “primavera chilena” também comporta ingredientes de uma certa “ira coletiva espontânea” (FERREIRA; RODRIGUEZ, 2020) que eclodiu. O episódio levou milhões de pessoas às ruas do país, para manifestar sua inconformidade com a política e os programas de governos que minaram a condição de vida das classes sociais mais vulneráveis até os extratos médios da população.

Não menos importante naquele contexto de efervescência social, foi o papel que tiveram os recursos tecnológicos instalados no país, para os desdobramentos do quadro. Segundo os dados da *Hootsuit/We Are Social*<sup>5</sup>, na entrada de 2020 havia cerca de 16 milhões de usuários de internet no Chile (penetração equivalente a 82% da população), com cerca de 15 milhões de usuários de mídias sociais (79% de penetração) e 26 milhões de conexões móveis (equivalente a 138% da população total). Neste cenário, o *Twitter* alcançava cerca de 2,5 milhões de usuários, dos quais destacam-se (atualmente) os perfis de um *youtuber* (@GermanGarmendia, 12 milhões de seguidores), um jogador de futebol (@kingarturo23, 5 milhões de seguidores) e o presidente do país (@sebastianpinera, 2,5 milhões de seguidores)<sup>6</sup>.

#### 4.1.1. Os protestos chilenos e o Twitter

Com base no levantamento das mensagens postadas no *Twitter*, no período de 20 a 26 de outubro de 2019, a ferramenta eTC (<https://etc.biobd.inf.puc-rio.br/>) conseguiu coletar um total de 23.305 *tweets*, relativos a *hashtag* #EstoPasaEnChile,

<sup>5</sup> Hootsuite & We Are Social. “Digital 2020 Global Digital Overview”, 2020. Disponível em <https://datareportal.com/reports/digital-2019-global-digital-overview>. Acesso em 18/01/2021.

<sup>6</sup> Socialbakers. “Twitter Statistics for Chile”, 2021. Disponível em <https://www.socialbakers.com/statistics/twitter/profiles/chile>. Acesso em: 30/03/2021.

dos quais 7.600 *tweets* obtidos no dia 21 de outubro – embora, em termos absolutos, o 22 de outubro tenha registrado mais de 620 mil incidências acumuladas da mesma.

Para efeito de comparação, neste mesmo período, outras *hashtags* associadas à *hashtag* coletada e identificadas pela ferramenta foram (entre parênteses, o total de incidências): #renunciapiñera (3.144), #quesevayanlosmilicos (1.447), #chileviolateshumanrights (1.348), #piñerarenuncia (1.182), #chiledesperto (1.138) e #piñeradictador (1.091), #chile (975), #chileresiste (710) e #noestamosenguerra (704).

Do total de *tweets* coletados, alguns perfis de usuários se destacaram, pela quantidade de *tweets* postados (entre parênteses, o total de incidências): @\_seiseiseis\_ (97), @ultimahoracl (80), @Dpm\_Chile2020 (78), @marcelocarrillo (75), @belusozuniga (63), @ffrias9 (62), @PooBiJim (62), @RPAcrux (52), @cvivanco\_1 (52) e @RealExpedito (51).

De uma perspectiva do engajamento <sup>7</sup> gerado pela *hashtag* #EstoPasaEnChile, os perfis de usuários que mais se destacaram foram: @Chileokulto (13.759), @yasnamussa (8.642), @redfishstream (8.396), @Este\_monsalve (6.676), @marceruz (6.475), @CastrolEJ (5.787), @AlinaDuarte\_ (5.364), @caarolillo (5.363), @LyaGonzalez1 (3.796) e @legendselena (3.601).

Alguns exemplos de *tweets* que alcançaram maior engajamento <sup>8</sup>:



<sup>7</sup> O engajamento é calculado como a soma do número de *likes*, de *retweets* e de comentários de todos os *tweets* da pessoa/perfil de usuário alcançado pela coleta. Os números informados entre parênteses equivalem ao “engajamento score”, definido pelo eTC (<https://etc.biobd.inf.puc-rio.br/>).

<sup>8</sup> Os dados obtidos pela pesquisa do eTC e compilados em planilhas podem ser acessados em: <https://drive.google.com/file/d/1lrczfmqjRrJuYbRCowhSXEIOROIqxdZ7/view?usp=sharing>

Para identificar as expressões mais recorrentes nas mensagens (*tweets*) coletadas, empregou-se o software de análise de corpus AntConc (<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>). Como resultado, alguns dos termos que ocuparam maior importância nas iniciativas de comunicação dos perfis examinados foram <sup>9</sup>: “renuncia piñera” (em diversas combinações), “chile”, “piñera dictador” (em diversas combinações), “bandeira”, “gente”, “pueblo”, “crisis”, “abajo gobierno” (em diversas combinações), “militares/milicos”, “emergencia” e “resistencia” (estes últimos, combinados à diversas outras expressões).

Por fim, do total de *tweets* coletados aproximadamente 33% não continham texto, mas somente imagem, vídeo ou animação. Outra parcela menor (13,31%) continha algum tipo de URL, indicando, portanto, conteúdos de mídia acessórios à mensagem de texto – em sua maioria vídeos, mas também imagens e animações. Somente sete postagens continham conteúdos de transmissão ao vivo (“broadcasts”). E apenas uma única mensagem indicava o link para uma matéria jornalística, no caso, do jornal Crónica Chile (<https://www.cronicachile.cl/>), no corpo do *tweet*.

## 4.2. A fratura da plurinacionalidade boliviana

A Bolívia apresenta uma realidade diversa do Chile. Não apenas por sua população de quase 12 milhões pessoas traduzir uma significativa multiplicidade étnica (ameríndios, mestiços, europeus, asiáticos e africanos), mas também pela diversidade de idiomas (além do espanhol, são reconhecidas oficialmente dezenas de outras línguas nativas) e ecletismo cultural. O que aproxima o país de seus vizinhos regionais é a base agrícola e extrativista, como suas principais fontes de atividade econômica (sobretudo a exploração de estanho e gás natural), que são responsáveis pela absorção de grande parte da mão de obra existente. Neste contexto, caracteriza-se como uma sociedade com níveis médios de desenvolvimento humano, porém, com alta taxa de pobreza, que atinge mais de 30% da população (CEPAL, 2021).

---

<sup>9</sup> No processamento da análise de conteúdo do *software AntConc*, todas as expressões de texto são convertidas automaticamente para minúscula; os resultados aqui são apresentados em espanhol.

O atual Estado Plurinacional da Bolívia (assim denominado desde 2009) declarou sua independência em 1809, mas enfrentou duas décadas de guerras, antes da república, em 1825. Nos quase dois séculos que separam passado e presente, o país vem enfrentando ciclos de instabilidade política, que levaram a sucessivos golpes e contragolpes de Estado (desencadeados pelas elites financeira e militar), conflitos externos, perdas territoriais e ao agravamento das dificuldades econômicas de parcela expressiva da população. O início dos anos 1980 marcou a volta dos governos civis, formados pela aliança entre partidos tradicionais de centro e de esquerda, que comandaram a reinstauração da democracia no país (ARNADE; MCFARREN, 2021).

A instabilidade política voltou a dar o tom na entrada dos anos 2000, com uma série de revoltas populares que levaram à interrupção de governos eleitos. Em 2003, Gonzalo Sánchez de Lozada teve seu mandato abreviado e foi sucedido por seu vice-presidente Carlos Mesa – que, por sua vez, foi derrubado em 2005. Assumiu, como interino, Eduardo Rodríguez Veltzé (2005-2006) até a eleição de Evo Morales (um líder sindical dos *cocaleros* – agricultores que cultivam a planta da Coca, ingrediente tradicional da cultura indígena da região), do MAS (Movimento para o Socialismo). Evo conquistou nas urnas o direito de conduzir o país, com a promessa de promover grandes transformações econômicas e sociais para as parcelas mais pobres.

Em três mandatos consecutivos (de 2006 a 2019) Morales comandou uma abrangente reforma agrária, a nacionalização de setores importantes da economia boliviana, além de reduzir pela metade a pobreza extrema no país. Angariou antipatias internas e externas que culminaram com a sua renúncia, em novembro de 2019, após três semanas de protestos populares, devido a suspeita de fraude nas eleições que haviam lhe conferido um novo mandato – contrariando um referendo popular de 2016, que rejeitou a mudança da Constituição para permitir um (seu) quarto mandato.

A crise boliviana possui aspectos controversos. Na perspectiva defendida por Ricardo Luigi (2020), o epicentro dos acontecimentos é político, mas seus condicionantes e suas consequências são também: históricos, sociais e econômicos. Decorre, em parte, das dissidências na própria base de apoio popular de Morales, (como estudantes, *cocaleros* e organizações sindicais). Porém, em termos mais amplos, reflete o acirramento das tensões sociais no país, seja pelo lento processo de

diminuição das desigualdades e de inclusão, seja pelas disputas por controle político e dos recursos econômicos, o que culminou com o fortalecimento da oposição.

O episódio da reeleição de 20 de outubro (que teve na “condenação” pela OEA – Organização dos Estados Americanos – um agravante) acendeu o estopim de uma convulsão social que tomou conta do país, colocando em lados opostos os apoiadores e os críticos de Evo Morales. O forte clima de polarização dividiu o país. Em algumas cidades, como Sucre, Oruro, Cochabamba e La Paz as ruas se transformaram em campos de batalhas, acrescentando dramaticidade ao “outubro rebelde”, que já vinha varrendo outras regiões da América Latina (WASSERMAN, 2020).

Os massivos protestos revelaram, também, os contornos de uma grave cisão entre uma Bolívia rural e urbana, que tem nos movimentos sociais um componente decisivo. Embora marcadas por descontinuidades históricas (DELGADO; LEMGRUBER, 2006), as diferentes formas de organização coletiva bolivianas ganharam um novo impulso nos anos 2000, se rearticulando e se fortalecendo enormemente em torno da mobilização das comunidades indígenas (ROMERO, 2007). No entanto, o que poderia se configurar como unidade, na verdade esconde uma série de fraturas e tensões, em termos de representação (diante da enorme heterogeneidade social), participação política e ampliação dos espaços de poder (DE AMBROGGI, 2020).

Naturalmente, soma-se a este quadro de referências os aspectos ligados à configuração tecnológica da sociedade boliviana. Ainda que não traduzam uma cena de “opulência” técnica, os dados da *Hootsuite/We Are Social*<sup>10</sup>, para a Bolívia, na entrada de 2020, estimavam 7,5 milhões de usuários de internet (penetração equivalente a 65% da população), com um número semelhante de usuários de mídias sociais (65% de penetração) e 11.5 milhões de conexões móveis (equivalente a 99% da população total). Neste cenário, o *Twitter* alcançava cerca de 380 mil de usuários, dos quais destacam-se (atualmente) os perfis de políticos, como: @evoespueblo (1,2 milhões de seguidores) e @carlosdmesag (650 mil seguidores); além de veículos de comunicação, como: @grupoeldeber (680 mil seguidores)<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Hootsuite & We Are Social (2020), “Digital 2020 Global Digital Overview”. Disponível em [\[https://datareportal.com/reports/digital-2019-global-digital-overview\]](https://datareportal.com/reports/digital-2019-global-digital-overview). Acesso em 18/01/2021.

<sup>11</sup> Socialbakers. “Twitter Statistics for Bolivia”, 2021. Disponível em [\[https://www.socialbakers.com/statistics/twitter/profiles/bolivia\]](https://www.socialbakers.com/statistics/twitter/profiles/bolivia). Acesso em: 30/03/2021.

#### 4.2.1. Os protestos bolivianos e o Twitter

Com base no levantamento de mensagens postadas no *Twitter*, no período de 10 a 16 de novembro de 2019, a ferramenta eTC (<https://etc.biobd.inf.puc-rio.br/>) conseguiu coletar um total de 10.433 *tweets*, relativos a *hashtag* #EvoEsEIPresidente, dos quais 6.075 *tweets* obtidos no dia 13 de novembro – embora, em termos absolutos, o dia 14 de novembro tenha registrado mais de 250 mil incidências acumuladas da mesma.

Para efeito de comparação, neste mesmo período, outras *hashtags* associadas à *hashtag* coletada e identificadas pela ferramenta foram (entre parênteses, o total de incidências): #boliviagolpedeestado (1.188), #golpedeestadoenbolivia (787), #evoelmundoestacontigo (761), #bolivia (636), #13nov (610), #golpedeestadobolivia (497), #evomorales (332), #evonoestassolo (323) e #modoactivo (290).

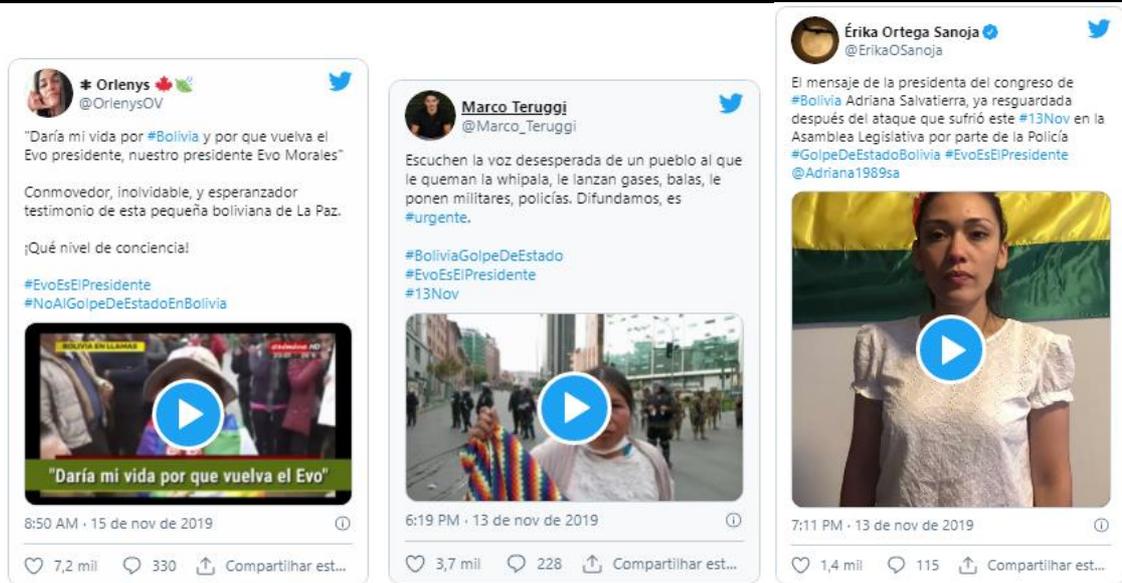
Do total de *tweets* coletados, alguns perfis de usuários se destacaram, pela quantidade de *tweets* postados (entre parênteses, o total de incidências): @VTVcanal8 (231), @mauricio946 (144), @atodamecha1 (94), @Mippcivzla (71), @KARELYS41294116 (70), @alitapaz (66), @PuebloBeto (64), @eeeeeduardoq072 (57), @DenisInforma (53) e @barcademar (45).

De uma perspectiva do engajamento <sup>12</sup> gerado pela *hashtag* #EvoEsEIPresidente, os perfis de usuários que mais se destacaram: @Marco\_Teruggi (24.942), @ErikaOSanoja (20.459), @OrlenysOV (13.663), @VTVcanal8 (7.674), @tianasandinista (6.419), @Mippcivzla (5.504), @PamelaPaz07 (5.268), @AmalCandanguera (4.454), @FloryCantoX (3.959) e @redfishstream (3.686).

Alguns exemplos de *tweets* que alcançaram maior engajamento <sup>13</sup>:

<sup>12</sup> O engajamento é calculado como a soma do número de *likes*, de *retweets* e de comentários de todos os *tweets* da pessoa/perfil de usuário alcançado pela coleta. Os números informados entre parênteses equivalem ao “engajamento score”, definido pelo eTC (<https://etc.biobd.inf.puc-rio.br/>).

<sup>13</sup> Os dados obtidos pela pesquisa do eTC e compilados em planilhas podem ser acessados em: <https://drive.google.com/file/d/1vWLUYigy-5G768cACsGkjsPiQHogJBH/view?usp=sharing>



Para identificar as expressões mais recorrentes nas mensagens (*tweets*) coletadas, empregou-se o software de análise de corpus AntConc (<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>). Como resultado, alguns dos termos que ocuparam maior importância nas iniciativas de comunicação dos perfis examinados foram <sup>14</sup>: “golpe de estado” (em diversas combinações), “bolivia”, “presidente”, “evo morales” (em diversas combinações), “nicolas maduro”, “venezuela”, “símbolo”, “estado”, “bandeira”, “pátria”, “pueblo” e “democracia” (estes últimos, combinados à diversas outras expressões).

Por fim, do total de *tweets* coletados, quase um terço (27,78%) continha algum tipo de URL, indicando, portanto, conteúdos de mídia acessórios à mensagem principal postada. Com representatividade irrisória, quatro *tweets* (apenas) continham unicamente imagem, vídeo ou animação, em lugar de texto. Da mesma forma, somente um dos *tweets* continha conteúdo de transmissão ao vivo (“broadcast”). Além disso, um único perfil (@diariveahoy) compartilhou, mais de uma vez, links para um blog contendo “notícias” dos acontecimentos bolivianos no período.

## 5. Perspectiva comparada e considerações finais

<sup>14</sup> No processamento da análise de conteúdo do software *AntConc*, todas as expressões de texto são convertidas automaticamente para minúscula; os resultados são apresentados em espanhol.

---

Os resultados alcançados pela análise das mensagens coletadas do *Twitter* – abrangendo os períodos em que se deram os episódios de crise, que levaram às manifestações populares no Chile e na Bolívia – são relativamente mais semelhantes do que distintos entre si. Assim, das iniciativas de comunicação do público, por meio do *Twitter*, o que se pode destacar, em uma perspectiva comparada, é o seguinte:

- 1) Os episódios que desencadeiam as manifestações aqui examinadas são de ordem distinta: na Bolívia, diretamente ligados a um processo eleitoral que foi contestado interna e internacionalmente – e, em parte, incensado das próprias divisões já existentes entre apoiadores e críticos de Evo Morales. No Chile, por outro lado, os protestos surgem de forma mais “espontânea”, como resultado de uma crise multifacetada que “uniu” uma parcela significativa da sociedade, nas críticas ao presidente Sebastian Piñera.
- 2) Há uma diferença significativa no volume de *tweets* gerados, nos respectivos contextos analisados, o que, possivelmente traduz, em alguma medida, as diferenças conjunturais de cada realidade nacional em exame. Neste sentido, o Chile, dentre outros parâmetros destacados na análise, possui população maior, níveis de desenvolvimento socioeconômico mais avançados e está mais integrado aos circuitos de trocas informativas digitais do que a Bolívia.
- 3) Do ponto de vista de quem “fala”, isto é, das vozes que se manifestam por meio dos *tweets*, têm-se claro que desempenharam maior protagonismo os perfis “comuns” do “público”, em lugar de políticos, meios/jornalistas ou outros tipos de agentes de influência das respectivas sociedades analisadas. Assim, no Chile, entre os perfis de usuários que mais postaram, assim como dos que mais tiveram engajamento com suas postagens, mais de 80% são preferencialmente perfis de “cidadãos” sem vínculo direto com a mídia e/ou partidos políticos. Na Bolívia, o quadro é proporcionalmente semelhante (mais cidadãos do que personalidades conhecidas), cabendo esclarecer, no entanto, que a análise dos perfis com maior destaque é interpretativa – e não conclusiva – pois levou em consideração as informações existentes nos

---

“profiles” de cada usuário, bem como o critério de “verificação de conta” (que o *Twitter* normalmente atribui a personalidades de destaque).

- 4) Em relação ao que expressam as mensagens analisadas, os conteúdos relevam tanto diferenças quanto proximidades entre as manifestações dos usuários. De um lado, no Chile, a prevalência das críticas à figura de Piñera é perceptível na maior parte das mensagens produzidas pelos usuários do *Twitter*. Além das *hashtags* de denúncia à crise no país, à violência e aos militares, a figura do presidente é bastante contestada, seja equiparando-o a um ditador, seja instando a sua renúncia. É o contrário do que acontece na Bolívia, na medida em que Evo Morales é majoritariamente exaltado nas mensagens e considerado vítima de um golpe de Estado. O que há de semelhante nos conteúdos das mensagens (em termos das expressões mais incidentes) é a evocação de noções como “povo”, “bandeira”, “pátria”, “democracia”, dentre outras, bem recorrentes nas amostras examinadas.
- 5) Finalmente, quanto aos meios pelos quais usuários materializarem suas demandas, no que diz respeito às formas de elaboração dos *tweets*, destaca-se o seguinte: as mensagens relativas ao episódio chileno são muito marcadas pelo uso de recursos imagéticos (como vídeos e fotos) e baixa associação com recursos externos, como links a fontes de informação mais tradicionais. No episódio boliviano, por outro lado, se observa uma prevalência de elementos textuais constituindo as mensagens, embora uma parcela dos *tweets* faça uso de fontes adicionais, na forma de URL’s.

Face esta sistematização, entendemos que, o quadro de referências assinalado permite algumas considerações mais gerais, em lugar de conclusões definitivas.

Primeiro, o objetivo desta pesquisa foi, inicialmente, à luz de uma revisão das tradições dos estudos de comunicação política e de sua vertente comparada, explorar novas possibilidades de observação dos fenômenos de comunicação política *per se*.

Neste sentido, o segundo passo foi empreender uma abordagem empírica, sobre iniciativas de comunicação, no âmbito do público, em um contexto de mobilizações populares, de forma a perceber a dinâmica de sua participação no processo, via *Twitter*.

Assim sendo, o esforço aqui consumado não se esgota propriamente na análise dos dados, aqui empreendida e muito menos na pretensão de se extrair dela, uma compreensão integral do quadro examinado - dadas as complexidades inerentes.

Trata-se, portanto, muito mais de uma tentativa de instrumentalização de formas de estudar o fenômeno da comunicação política, em termos das suas práticas, que não seja reproduzindo os parâmetros de investigação predominantes no campo.

Em um contexto de rápidas e urgentes transformações (culturais, sociais, políticas e econômicas e tecnológicas), a emergência do público, como agente ativo das discussões que envolvem a política é cada vez mais evidente.

Logo, necessário aprofundar a percepção dos papéis desempenhados pelos cidadãos, em esferas públicas crescentemente dissonantes, potencialmente mais desconexas e associadas a um contexto de crise democrática e hibridismo midiático.

Por fim, tão significativo quanto o exame das práticas da comunicação política, com base nas iniciativas do público, é também associar estes esforços investigativos a realidades regionais mais periféricas, incorporando métodos de análise de viés mais qualitativo e interpretativo, em que os contextos das realidades informam as possibilidades de compreensão do quadro mais específico de resultados alcançados.

## Referências

- ARNADE, Charles; MCFARREN, Peter. "Bolívia". **Encyclopedia Britannica Online**, 2021, Disponível em: [<https://www.britannica.com/place/Bolivia>]. Acesso em: 21/03/2021.
- BARNHURST, Kevin G. The new "media affect" and the crisis of representation for political communication. **The International Journal of Press/Politics**, v. 16, n. 4, p. 573-593, 2011.
- BENNETT, Lance; PFETSCH, Barbara. "Rethinking political communication in a time of disrupted public spheres". **Journal of Communication**, vol. 68, no 2, pp. 243-253, 2018.
- BLUMLER, Jay G. Foreword: In praise of holistic empiricism. In BRANTS, Kees; VOLTMER, Katrin (eds.). **Political communication in postmodern democracy: Challenging the primacy of politics**. UK: Palgrave Macmillan/Springer, 2011.
- BLUMLER, Jay; COLEMAN, Stephen. A democracia e a mídia – Revisitadas. **Compolítica**, v. 7, n. 2, p. 7-34, 2017.
- BLUMLER, Jay G.; GUREVITCH, Michael. Towards a comparative framework for political communication research, In: CHAFFEE, Steven H. (ed.). **Political communication: strategies and issues for research**. Beverly Hills, CA: Sage, 1975, p. 165-184.



- BLUMLER, Jay; GUREVITCH, Michael. **The crisis of public communication**. Routledge Press, 1995.
- BLUMLER, Jay G.; GUREVITCH, Michael. State of the art of comparative political communication research. In: ESSER, Frank; PFETSCH, Barbara (ed.). **Comparing political communication: theories, cases, and challenges**. Cambridge University Press, 2004, p. 325-344.
- BOHMAN, J. Expanding dialogue: The Internet, the public sphere and prospects for transnational democracy. **The Sociological Review**, 2004, p. 131-155.
- BRANTS, Kees; VOLTMER, Katrin (eds.). **Political communication in postmodern democracy: Challenging the primacy of politics**. UK: Palgrave Macmillan/ Springer Springer, 2011.
- CANEL, María José; VOLTMER, Katrin. **Comparing political communication across time and space: Conceptual and methodological challenges in a globalized world**. Palgrave Macmillan UK, 2014.
- CARDOSO, Ruth. Movimentos sociais na América latina. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 1, n. 3, p. 27-37, 1987.
- CEPAL. **CEPALSTAT | Bases de Datos y Publicaciones Estadísticas**, 2021. Disponível em [\[https://estadisticas.cepal.org/cepalstat/perfilesNacionales.html?idioma=Spanish\]](https://estadisticas.cepal.org/cepalstat/perfilesNacionales.html?idioma=Spanish). Acesso em 15/03/2021.
- CHADWICK, Andrew. Web 2.0: New Challenges for the Study of E-Democracy in an Era of Informational Exuberance. **I/S A Journal of Law and Policy for The Information Society**. Vol. 5, n. 1, 2009.
- CHADWICK, Andrew. **The hybrid media system. Politics and power**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- DE AMBROGGI, Camilla. Genealogía de una fractura: plurinacionalismo y movimientos sociales en la Bolivia de Morales. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, v. 45, n. 250, p. 305-338, 2020.
- DELGADO, Ana C.; LEMGRUBER, Silvia. Os movimentos indígenas e suas implicações para o processo político na Bolívia e no Peru. **Rio de Janeiro: Observatório Político Sul-Americano**, v. 1, n. 4, 2006.
- DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. (eds.). **The Sage handbook of qualitative research**. Fifth Edition. Los Angeles: Sage, 2018.
- DEWEY, John. **The Public and its problems: An essay in political inquiry**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, [1927]/2012.
- DRAKE, Paul et al. "Chile". **Encyclopedia Britannica Online**, 2021. Disponível em: [\[https://www.britannica.com/place/Chile\]](https://www.britannica.com/place/Chile). Acesso em: 23/03/2021.
- ESSER, Frank; PFETSCH, Barbara (eds.). **Comparing political communication: Theories, cases, and challenges**. Cambridge University Press, 2004.
- ESSER, Frank; PFETSCH, Barbara. Comparing political communication: na updated. **Working Paper Nº 89. National Center of Competence in Research (NCCR)**. Challenges to Democracy in the 21st Century, 2016, p. 1-36.
- FERREIRA, Daniel Henrique; RODRIGUEZ, Vitória Gonzalez. Quando a democracia transborda a razão neoliberal: uma análise histórica das manifestações de outubro de 2019 no Chile e no Equador. **Mosaico**, v. 12, n. 18, p. 115-140, 2020.
- GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH**, v. 21, n. 54, p. 439-455, 2008.
- GIMENES, Eder Rodrigo. Engajamento político: aspectos teóricos e rendimentos empíricos na América Latina. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.7, n.4, p.62-71, set. 2015.
- GUTMANN, Amy; THOMPSON, Dennis. **Why deliberative democracy?** Princeton University Press, 2009.
- HALLIN, Daniel; MANCINI, Paolo. **Comparing media systems: Three models of media and politics**. Cambridge University Press, 2004.
- HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo (Eds.). **Comparing media systems beyond the Western world**. Cambridge University Press, 2011



HENN, Philipp; JANDURA, Olaf; VOWE, Gerhard. The traditional paradigm of political communication research reconstructed. In: HENN, Philipp; VOWE. **Political Communication in the Online World**. Routledge, p. 11-25, 2015.

JIMÉNEZ-YAÑEZ, César. # Chile despertó: causas del estallido social en Chile. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 82, n. 4, 2020.

LABARCA, D. et al. “Las claves de una crisis que no parece acabar”. **La Tercera**, 20 de outubro de 2019. Disponível em: [<https://www.latercera.com/politica/noticia/las-claves-una-crisis-no-parece-acabar/870681/>]. Acesso em: 20/01/2021.

LATINOBARÓMETRO. **Informe Latinobarómetro 2018**. Santiago: Latinobarometro Corporation, 2018. Disponível em <<http://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>>. Acesso em 01 de julho de 2019.

LEO, Luiz et al. Rediscutiendo la comunicación política comparada: epistemología, etnocentrismo y el objeto distante. **Revista de Comunicación Política**, v. 1, p. 95-109, 2019.

LEO, Luiz. **Mídia e democracia na América Latina: Um modelo de análise de comunicação política comparada para a região** / Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / Luiz Francisco Ferreira Leo; Orientador: Arthur Ituassu, 2020.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. Nova York: McMillan Co, [1922]/1961.

LUIGI, Ricardo. A crise na Bolívia: da renúncia do presidente Evo Morales à convocação de novas eleições. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 1, n. 3, p. 34-40, 2020.

MAUERSBERGER, Christof. **Advocacy coalitions and democratizing media reforms in Latin America: Whose voice gets on the air?**. Switzerland: Springer International Publishing, 2016.

MOSSBERGER, Karen; TOLBERT, Caroline J.; MCNEAL, Ramona S. **Digital citizenship: The internet, society, and participation**. Cambridge: MIT Press, 2007.

NORRIS, Pippa. **A virtuous circle: Political communications in postindustrial societies**. UK: Cambridge University Press, 2000.

NORRIS, Pippa. Comparative political communications: common frameworks or Babelian confusion?. **Government and Opposition**, v. 44, n. 3, 2009, p. 321-340.

PFETSCH, Barbara et al. Democracy and digital dissonance: The co-occurrence of the transformation of political culture and communication infrastructure. **Central European Journal of Communication**, v. 13, n. 25, p. 96-110, 2020.

RAMÍREZ, Jorge; BRAVO, Nicolás. Movimientos sociales en Chile: una radiografía al proceso de movilización 2009-2014. **Serie Informe Sociedad y Política**, v. 144, 2014.

ROMERO, Carlos Cortez. Movimentos sociais da Bolívia. **Revista de Educação Pública**, v. 16, n. 31, p. 29-47, 2007.

SALGADO, Susana; STANYER, James. “Perceptions of populism and the media: A qualitative comparative approach to studying the views of journalists and politicians”, in REINEMANN, Carsten et al. (eds). **Communicating populism: Comparing actor perceptions, media coverage, and effects on citizens in Europe**. Nova York, Routledge, 2019.

SOTOMAYOR, Francisco Ivan. Malestar, acción colectiva y movimientos sociales en Chile (2001–2017). **Revista Ciência & Saberes-UniFacema**, v. 4, n. 2, p. 1137-1151, 2019.

SIEBERT, Fred Seaton; PETERSON, Theodore; SCHRAMM, Wilbur. **Four theories of the press: The authoritarian, libertarian, social responsibility, and Soviet communist concepts of what the press should be and do**. University of Illinois Press, 1956.

WASSERMAN, Cláudia. OUTUBRO REBELDE: eleições e protestos na América Latina. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 20, n. 28, p. 402-419, 2020.

ZIELONKA, Jan (ed.). **Media and politics in new democracies: Europe in a comparative perspective**. UK: Oxford University Press, 2015.